

**História: *Nixon***  
*e Kissinger,*  
*inimigos e*  
*parceiros • 3*

# O inescrupuloso e o canalha brilhante

Historiador mostra os bastidores da tensa relação entre Nixon e Kissinger, uma parceria baseada na sede de poder

**Nixon e Kissinger — Parceiros no poder**, de Robert Dallek. Tradução de Barbara Duarte. Jorge Zahar Editor, 750 páginas. R\$ 89

José Meirelles Passos

**A** megalomania era o estado de espírito de ambos. Mas havia ainda outras semelhanças entre eles. Eram pragmáticos, e também cínicos, além de solitários. Impulsivos, tinham uma insaciável sede de poder, e para conquistá-lo — sempre um pouco mais — não hesitavam em fazer pactos com o diabo. Ambos eram também arrogantes, ainda que inseguros. Por isso forjaram uma amizade bastante peculiar. Hipócritas, um bajulava o outro em público; ferinos, não titubeavam em, ao mesmo tempo, apunhalar um ao outro pelas costas, nos bastidores. Mas, embora rivais, esses dois personagens — o então presidente dos Estados Unidos Richard Nixon, e o seu conselheiro de segurança nacional (e mais tarde secretário de Estado) Henry Kissinger — acabaram se tornando parceiros, entre 1969 e 1974, ao perceber que para alcançar os seus propósitos um precisava do outro.

A política acabou se transformando, então, numa forma de terapia ocupacional para ambos, como mostra, com riqueza de detalhes, o perfil daquela dupla traçado pelo eminente historiador americano Robert Dallek em "Nixon e Kissinger — Parceiros no poder", espesso volume em que ele registra o

que garimpoou em documentos do Conselho de Segurança Nacional dos EUA, além de 2.800 de fitas gravadas por Nixon e 20 mil páginas de transcrições de conversas telefônicas gravadas por Kissinger.

— Tanto Nixon quanto Kissinger eram visionários e, ao mesmo tempo, cínicos — resumiu Dallek ao GLOBO, sugerindo em seguida que a derrocada do governo Nixon se deveu, em grande parte, à compulsão daquela dupla pelo segredo além de uma dose cavalari de paranoia.

## Passar a História a limpo, com novos sabores

Há poucas novidades históricas nesse livro mais recente de Dallek. A mais destacada seria a informação de que o fim da guerra do Vietnã foi adiado propositalmente por motivos eleitorais. Kissinger aconselhou Nixon, que buscava a reeleição, a por via das dúvidas atrasar um pouco mais a retirada de tropas do Vietnã. Dessa forma, argumentou o conselheiro, se a repercussão disso não fosse boa já "seria tarde demais para afetar a eleição". Tudo indica que tanto Kissinger, que (ironicamente) ganharia o Prêmio Nobel da Paz, quanto Nixon pouco se importaram que centenas ou milhares de pessoas, inclusive soldados americanos, seriam mortos em nome de sua reeleição.

O trabalho de Dallek foi, na verdade, o de passar a História a limpo. Ele basicamente acrescentou novos sabores a um cardápio conhecido. Estão no livro os feitos mais significativos daquela era, agora com mais tempero. Dois deles turbinaram a geopolítica, alterando a fisionomia do mundo: o degelo nas relações com a União Soviética e a abertura para a China. Dallek destaca, ainda, a diplomacia americana no Oriente Médio, a derrubada do governo de Salvador Allende no Chile (engendrada e financiada pela Casa Branca, e realizada sob a batuta da CIA), além do caso Watergate.

Episódios conhecidos, como se vê. Só que vistos por dentro, pelo avesso. Os detalhes propiciados pelas gravações revelam, principalmente, o quanto Kissinger mandou naquele governo. Foi tanto que Dallek chega a defini-lo como "copresidente" dos EUA.

As histórias não mudam, mas ganham alma. Elas se tornam ri-

cas em detalhes de bastidores. O autor preenche os claros, propiciando um exame clínico das operações engendradas em segredo pela dupla. É como se o leitor se tornasse uma mosca nas paredes do Salão Oval da Casa Branca, e alguns outros recintos oficiais naquela época, presenciando o desenrolar a História. Dallek constatou algo irônico em sua pesquisa, que durou três anos:

— Eles eram tão sigilosos e dissimulados sobre o que faziam, mas, justamente graças aos seus grampos, o governo Nixon acabou se transformando

no mais transparente de todos.

Os trechos mais saborosos são as tiradas recíprocas entre Nixon e Kissinger, reveladoras de sua índole e caráter. O presidente, por exemplo, queixou-se certa vez ao seu chefe de gabinete, Bob Halde- man, de que era muito difícil lidar com Kissinger que, em sua opinião, tinha jeito de ditador: "O problema de personalidade de Henry é difícil demais para se aguentar. Que diabo, Bob, ele tenta destruir Rogers (William Rogers, então secretário de Estado) de forma psicopata". Na edição ori-

ginal, o termo era mais forte que o utilizado na tradução: Nixon disse que Kissinger tentava "ferrar" Rogers.

Em outra ocasião, Nixon, que se irritava com o fato de Kissinger ter se tornado numa celebridade, disse a um assistente que "Henry precisa de um puxão de orelhas, porque às vezes começa a achar que é o presidente. Mas em outras vezes você tem que mimá-lo e tratá-lo feito criança". Kissinger, por sua vez, se referia a Nixon — inclusive a jornalistas, em conversas *off the record* — como "aquele louco" ou "o

nosso amigo bêbado".

Ele se aproveitava claramente da queda de Nixon pelo uisque para ocupar a cadeira de presidente dos EUA, decidindo determinadas situações por conta própria. Como, por exemplo, quando num momento crítico da guerra do Yom Kippur o primeiro-ministro britânico ligou para a Casa Branca, alertando que precisava conversar com Nixon em meia hora. Ao ser comunicado a respeito por Brent Scrowcroft, então conselheiro de segurança nacional, Kissinger respondeu: "Brent, não vai

dar. Quando falei com ele, há pouco, ele estava bêbado. Deixa que eu falo com o primeiro-ministro".

Ao final de sua pesquisa, Dallek chegou à conclusão de que o melhor enfoque para o seu novo livro seria o do relacionamento entre os dois megalomânicos. Ao colocar o ponto final em sua obra, o historiador percebeu que acabara de traçar dois retratos marcantes e bem definidos, segundo disse ao GLOBO:

— Nixon era totalmente inescrupuloso. E Kissinger, um canalha brilhante. ■

#### "AS TENSÕES ENTRE OS DOIS

*continuaram depois do fim do governo (...). Nixon, disse Kissinger a autoridades canadenses que ofereciam um jantar a ele, era um homem 'esquisito', 'desagradável', 'nervoso' e 'artificial', que não gostava das pessoas e não era espontâneo. (...) 'Medíocre como sempre?', Nixon perguntou a Kissinger quando ambos se encontraram durante o funeral de Hubert Humphrey em 1977. 'Sim', Kissinger respondeu, 'mas sem tantas oportunidades quanto antes para sê-lo'."*

#### "PARA SE PROMOVEREM, POUCO

*hesitaram em fazer pactos com o diabo. Nixon se iludiu e enganou a si mesmo, o Congresso, os tribunais, a imprensa e o público; Kissinger apoiou e aceitou vários atos presidenciais fraudulentos e se envolveu em muitos deles por conta própria. (...) Isso era causado em parte pela arrogância — ambos acreditavam saber mais do que ninguém o que era melhor para a nação — e em parte por uma aversão a críticas que qualquer debate aberto certamente traria."*

#### "NIXON E KISSINGER TINHAM A

*mesma convicção de que a maior prioridade dos Estados Unidos na América Latina não era promover a democracia ou o crescimento econômico, mas suprimir a influência comunista soviético-cubana. Kissinger disse ao ministro chileno das Relações Exteriores (Gabriel Valdés) que o sul, pelo menos o hemisfério ocidental sul, simplesmente não contava no equilíbrio global geopolítico."*

Trechos do livro "Nixon e Kissinger — Parceiros no poder", de Robert Dallek



NIXON E HENRY KISSINGER na Casa Branca: o presidente e seu secretário de Estado precisavam um do outro, bajulavam-se, mas nos bastidores se apunhalavam pelas costas